

NARRATIVAS DE REFUGIADOS QUE PASSARAM PELA HOSPEDARIA DA ILHA DAS FLORES: TRAÇANDO DIÁLOGOS ENTRE ESPAÇO E A MEMÓRIA.

Henrique Mendonça da Silva
(Mestrando em história social do programa de pós-graduação da UERJ –
e-mail:enriquesh@msn.com)

Resumo:

A imigração é uma experiência histórica fundamental para a compreensão da formação do Brasil contemporâneo. Em decorrência do crescente contingente imigratório que chegava aos portos brasileiros, nas décadas de 1870 e 1880, o governo imperial organizou um aparato institucional para seu desenvolvimento. Em 1883, a Ilha das Flores, situada no município de São Gonçalo – Estado do Rio de Janeiro, foi comprada pelo Ministério da Agricultura. No local passaria a funcionar, no mesmo ano, a primeira hospedaria de imigrantes do Brasil.

O lugar de acolhimento que era a hospedaria vai funcionar por quase um século, recebendo em seus espaços diversas levas de imigrantes europeus. Norteados pelo argumento de um lugar estratégico, alguns ambientes da ilha tornaram-se reversíveis, servindo de espaço prisional em vários momentos da História do país.

O trabalho apresenta o depoimento de três refugiados da II Guerra Mundial, que chegaram ao Brasil entre 1951 e 1952, e uma funcionária da Hospedaria, que, durante uma série de entrevistas para um documentário, articulam falas que entrelaçam trajetórias familiares e conflitos políticos, além de apresentar aspectos da estrutura administrativa e do cotidiano dos imigrantes que ali estavam e que são discutidos no texto pelo diálogo entre concepções de memória, espaço e identidade.

Palavras chave: imigração, memória e identidade.

Em decorrência do crescente contingente imigratório que chegava aos portos brasileiros, nas décadas de 1870 e 1880, o governo imperial organizou um aparato institucional o desenvolvimento ordenado da imigração. Em 1876, foi criada a Inspeção Geral de Terras e Colonização que, sob o controle do Ministério da Agricultura, ficava encarregada de regular desde a entrada dos imigrantes até sua instalação nos locais de destino.

Os primeiros registros sobre a Ilha das Flores informam que ela consistia, originalmente, de uma pequena fazenda, destinada à piscicultura. Em 1834, Maria do Léu Antunes tornou-se proprietária da ilha, transferindo-a posteriormente para o senador José Inácio Silveira da Mota¹, pai de Arthur Silveira da Mota, que, anos depois, teria uma participação expressiva na Guerra do Paraguai e se tornaria uma importante figura histórica da Marinha do Brasil, o Barão de Jaceguai. Ressalta-se, que em 1857,

adicionou ao seu patrimônio, as ilhas Ananazes e Mexingueira, vizinhas à Ilha das Flores, adquiridas do Major (da Guarda Nacional) João Manoel da Silva.

Seu nome primitivo seria Ilha de Santo Antônio, passando a ser denominada nos registros oficiais como Ilha das Flores a partir da primeira metade do século XIX, quando fora sua proprietária a Sr^a. Delfina Felicidade do Nascimento Flores. O nome, provavelmente, foi gerado a partir de um dos sobrenomes da proprietária: Ilha da Dona Flores, Ilha das Flores.

Neste contexto, em 1883, a Ilha das Flores, junto com a Ilha do Engenho e Ananazes, foram compradas pelo Ministério da Agricultura. Na primeira passaria a funcionar, no mesmo ano, a primeira hospedaria brasileira de imigrantes.

Após os imigrantes desembarcarem no Porto do Rio de Janeiro, eram levados em embarcações menores ao cais da Ilha das Flores, onde preenchiam um protocolo e eram encaminhados aos alojamentos. Permaneciam na Ilha cerca de um mês até que fossem se alocar em seus destinos. Entre os destinos mais comuns estavam o sul do país, Espírito Santo e São Paulo.

Em 1885, desembarcaram no cais da hospedaria 2500 imigrantes de origem chinesa. Ainda neste ano, a Ilha recebeu grande leva de imigrantes alemães (85% do total dos que entraram no país). Além destes, ficaram hospedados no local, no final do século XIX, italianos, espanhóis e portugueses, entre outros diversos povos que cruzaram o oceano e passaram pela Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores.

Durante a Primeira Guerra Mundial (1917-1919), por questões estratégicas de Segurança Nacional, a tutela da Ilha das Flores passou, temporariamente, do Ministério da Agricultura para o Ministério da Marinha (Decreto nº 12.689/1917), chegando inclusive a receber diversos refugiados dos campos de batalha europeus. Desde então, a Marinha Brasileira começou a demonstrar interesse em obter a posse definitiva da ilha, o que só ocorreu na década de 1970.

A hospedaria, ao longo do tempo, além de receber os imigrantes, teve outros usos. Em 1915, acolheu temporariamente pessoas sem teto. Dois anos depois, em 1917, recebeu migrantes nordestinos que se transferiram para o sul do país, retirantes da seca ocorrida naquele ano.

Em 1930, a Ilha passou para a responsabilidade do Ministério do Trabalho, recém criado, através do Departamento Nacional de Povoamento. Em 1932, a Ilha serviu como presídio político em que foram reclusos os combatentes da Revolução

Constitucionalista. Estes compuseram uma música sobre o local. Nesse momento, a Ilha teve seu espaço dividido: o sul foi destinado a abrigar os imigrantes e funcionários da hospedaria, e o norte funcionava como presídio político. No ano de 1935, a Ilha recebeu os revoltosos da Intentona Comunista.

Em 1945, durante a II Guerra Mundial, permaneceram presos na Ilha alemães ligados ao Eixo. O último registro como presídio político ocorreu em 1969, após o AI-5, de 13/12/1968, após a eclosão do que a historiografia universitária convencionou chamar de golpe civil-militar. A hospedaria de imigrantes funcionou até 1966. Em 1968, a Marinha tomou posse da Ilha, sendo que somente em 1978 é que foi oficialmente transferida para seu controle definitivo.

As memórias acessadas nas entrevistas com imigrantes e funcionários que passaram pela hospedaria percorrem o espaço, considerando-o um local de memória para estes dois grupos tão distintos em suas configurações culturais, sociais e geográficas.

As experiências da imigração vividas por homens, mulheres e crianças após a Segunda Guerra Mundial, oferecem a possibilidade de olhar o horizonte sob as expectativas dessas pessoas. Suas regiões natais não lhes davam condições de permanência. O jeito era buscar novas possibilidades. “Se arriscar”, na fala de uma entrevistada, “sem se esquecer do que nos esperava” (Anna Toncic). O Brasil significava a possibilidade de reestruturação econômica e social. Local estranho, repleto de práticas sociais e culturais que os obrigam a um esforço de tradução permanente, observado em suas narrativas memoriais.

Tal ato individual, a lembrança, não exclui a dimensão social da memória. O que significa que pode ser compartilhada ao longo do tempo. Este acontecimento, longe de ser pacífico, desenvolve-se mediado pela trajetória de vida destes homens e mulheres articulando sua fala sobre o lugar de acolhimento de imigrantes que era a Ilha.

Nas sociedades modernas, transformações de tempo e espaço causam desarranjos dos sistemas sociais e estes provocam a flutuação das relações no plano local. Citemos uma extração forçada no caso dos refugiados dos contextos locais. O imigrante da leva do conflito de 1940-1945 e os posteriores rearranjos territoriais, políticos, militares e sociais sofrem um deslocamento que o fazem acionar mecanismos de reorganização de suas identidades, uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado. “A identidade não é automática; é

ganha e perdida” (Hall 2006.) O decentramento causado pela experiência da imigração acionada pelas disputas nacionalistas, com todo seu potencial desarticulador de estruturas territoriais e culturais, faz surgir uma necessidade nem que seja no plano mental-individual da idéia de nação. Hall esclarece que nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos, um sistema de representação cultural – “Uma nação é uma unidade simbólica” (Hall 2006). A própria idéia de nação se mostra recente, fundamental a necessidades do presente: “Ter uma nação não era um atributo inerente à humanidade, mas aparece agora com tal.” (Gellner, 1983)

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos, representações e pessoas dispostas a vincular algum tipo de pertencimento. A cultura nacional é um discurso. Guerrino Andreani, que chega ao Brasil em 1951 no vapor Castelbianco, mostra-se menos vinculado à identidade europeia em algumas partes de sua fala. Iugoslavo, imigrado para a Itália criança e em sequência para o Brasil, assume o discurso dos bons e maus hábitos dos brasileiros.

Para Hall, todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico: O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: “o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (Hall 2006).

As lembranças trazidas à tona nas entrevistas são estabelecidas por um ponto comum, o espaço. A experiência da imigração acessada nas entrevistas relaciona-se ao local de memória em que se constitui a Ilha. O grande ponto de contato é o espaço da Hospedaria de Imigrantes. Mesmo sem reuniões, celebrações ou definições prévias de suas falas, a memória dividida encontra o ponto de união discursiva no espaço.

As narrativas dos imigrantes nos levam a experiências partilhadas no lugar que lhes é comum aqui no Brasil, a Hospedaria de Imigrantes da Ilha das Flores. Estas fornecem uma série de imagens, panoramas e eventos que simbolizam ou representam as experiências partilhadas.

Os pontos de recordações pessoais são ricos em lembranças sensoriais, tais como barulho, cheiro (do café e plantas) e cores, a algazarra daquela Babel humana.

E quando descemos na Ilha das Flores. Quando no porto descemos eu olhei lá pra cima “ah, tudo de bougainvilles”, tudo florido, mas como era bonita a Ilha das Flores. Era uma flor só de todas as cores, parecia caramanchão pra

todo lado, ilha de fantasia, né? Parecia que cada flor tinha seu aroma. *Anna Tonicic*².

Graziela Andreani relata o estranhamento com a comida, transferindo este estranhamento para os adultos, não para ela, que era criança na época.

Na hora do almoço se encontrava todo mundo junto no refeitório para almoçar. A maior surpresa foi arroz com feijão. Foi terrível pra eles, né? Criança já não, mas pra eles o arroz e o feijão foi difícil de enfrentar. Imagina uma coisa muito diferente do macarrão. Visualmente, né? Depois, a gente adora! Mas visualmente era terrível. Graziela Andreani.³

Os refugiados são fruto de uma incompatibilidade local própria do gênero humano que se traduz na guerra, que os vai forçando, por meio da sobrevivência física, a se descolarem para outros espaços e ocupá-los. Estes deslocados vindos para a América Latina fizeram com que aqui se desenrolasse uma múltipla interpretação identitária relativa ao termo e ao sentimento evocado pela palavra saudade – nostalgia.

Cada pedrinha que você viu lá no copo, no prato. Cada pedrinha é uma pessoa que me deu, então “me tragam” lembranças da pessoa que me deu. Guardo como se fosse um talismã de ouro, mas não por causa delas, elas não valem quase nada, mas a pessoa me deu. Isso também é saudade que não sei definir. É uma dor [...] Isso que eu chamo saudade. Eu acho que seria longo se eu falasse dessa coisa “tanta” na minha vida longa. Saudade de muita coisa. *Anna Tonicic*.

A Ilha assume no imaginário dos ligados ou afetados por ela um corpo identitário, acionado nas entrevistas, estruturado em formas palpáveis (sítios e registros imagéticos) e abstratas (menos detectáveis, acessadas, no entanto, pelos caminhos individuais da memória).

A identidade moderna é descentrada, deslocada ou fragmentada (Hall, 2006). A descentralização dos indivíduos, tanto do seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos, constitui uma crise de identidade para este. Jélic (2000) aponta duas identidades: uma individual ou pessoal, que é a identidade que a pessoa leva através da sua vida - é autoidentificação, como se vê a si mesma. Do outro lado está o pertencimento de uma pessoa diante da demanda de identificação de uma sociedade, ou

o que uma família cobra do indivíduo – são características determinadas, uma forma de se fazer pertencente aos demais.

O indivíduo fragmentado da pós modernidade, descrito em Hall, 2006, afirma em sua conduta, que identidade é pertencimento, inserido em suas articulações com lugares e grupos sociais culturais. Estes múltiplos pertencimentos não afastam tensões. Pelo contrário, aproximam muitas vezes o sujeito de um estado de crise de identidade: “A identidade só se torna uma questão quando está em crise” (Hall, 2006).

A experiência da imigração da qual o indivíduo participou, principalmente dos que para cá imigrarão, entra sempre em zonas sensíveis do inexprimível. Tais zonas necessitam de um esforço maior das estruturas da linguagem, da narrativa. Nas entrevistas, estas zonas sensíveis acabam produzindo construções ideológicas em suas falas. Isto é percebido principalmente diante do motivo das vindas para o Brasil. Esta pergunta produz um conjunto de argumentos destacando as qualidades técnicas dos membros da família, além de construir narrativas contra os regimes políticos das regiões de origem, fascismo e comunismo.

Nós todos fomos prejudicados com estudos por causa da Guerra também. Eu cheguei a fazer segundo grau e depois, depois “de” a guerra terminar, me convocaram para fazer supletivo de contabilidade, guarda-livros[...]E trabalhei para os comunistas sob o domínio de Tito, trabalhei até 51. Anna Tonicic.

Ele o pai, Ludivico Andreani era formado pela FIAT italiana. Ele era mecânico de maquinaria pesada, não é? Ele achava por bem vir para o Brasil. Seria ótimo, porque o Brasil estava? Naquela época de 50, década de 50...60 onde você vê que a indústria começou realmente a florir tanto no estado do Rio, Não muito. Mas de São Paulo para o Sul. Guerrino Andreani.⁴

Na Ilha existem duas memórias, a da instituição, da hospedaria ligada aos órgãos de governo, e a dos imigrantes, uma memória dividida, usando o termo de Portelli, 2001. No caso da Ilha, os conflitos memoriais são amenizados, ambas são memórias autênticas dos grupos que ocuparam o espaço, cada uma articulada pelas suas histórias particulares, e entram no corpo da narrativa mediadas pelo tempo. Entre a chegada ao local e a saída, o tempo médio era de quinze a trinta dias, sendo que casos excepcionais

existiam. Uma família de imigrantes, segundo dois depoimentos colhidos, ficou na ilha um ano inteiro até conseguir trabalho. No caso dos funcionários e filhos de funcionários, a permanência é bem maior, sendo o nascimento na ilha definidor de suas histórias pessoais muitos sendo exprimíveis com a fala: “foi uma vida” (Zuleika Brasil).

São memórias que não deixam de ser múltiplas e fragmentadas, divididas em seus narradores. Cada um dos grupos de entrevistados merece ser percebido e investigado no contexto de suas falas, suas estruturas, seus significados de construção atribuídos nas narrativas à experiência ligada à imigração.

As narrativas acessadas nas entrevistas não podem ser consideradas universais, reproduzidas e vividas em outras hospedarias de imigrantes espalhadas pelo Brasil. O ambiente espacial em que estavam inseridas, medido pela história e economia regional, para citar apenas duas estruturas de mudança, não deixa que as experiências dos que ali foram acolhidos sejam universais, mas históricas e específicas.

A Ilha é vista como uma espécie de espaço protetor, porto seguro, paraíso perdido, local para deitar raízes simbólicas na nova terra. O primeiro lugar onde muitos pisaram em solo brasileiro. Nas histórias de vida, a Ilha aparece como lugar da narração íntima familiar.

Pesquisas em história oral, história de vidas, recolhem sem dúvida memórias individuais, noções de memória, ou seja, as percepções individuais da realidade. Na tese defendida por Halbwachs, 1990, a memória também deve ser entendida como fenômeno coletivo e social. Para o autor, não se opõem ao indivíduo e suas memórias particulares, mas lançam no assunto a percepção e a abrangência dos acontecimentos vividos em sociedade e como este sujeito se insere discursivamente nestes mesmos acontecimentos.

Os pontos que aparecem com maior constância nas entrevistas de refugiados são os espaços coletivos da Hospedaria. A memória da Ilha, mesmo sendo múltipla, solidifica-se na fala do grupo de entrevistados quando a rotina de entrevistas permite vários encontros consecutivos, pois os entrevistados partem sempre de pontos que eles acham importante reafirmar, pontos de uso de uma maioria. Como o número de entrevistas feitas com mulheres é maior, os cuidados com a família assumem procedimentos na Ilha, como a prática de lavar as roupas.

-Como é que era a hospedagem, o dormitório, aspecto, a forma?

- Era cimento cru no chão, eram tipo...como se diz, duas camas...

- Beliche, bicama?
- Beliche. As jovens em cima as velhas embaixo. É. Cobertores. Não deram lençóis, deram colchão, colchão, não é? Tipo colchas. Aquelas coisas que são bordadas, pesadas pra lavar. Era muito pesada pra lavar na lavanderia. Cada um de nós lavava a sua. Muito sabão à vontade. De... briga pra... pegar..., briga, que quis brigar, eu sei que nunca briguei. Briga, quem vai ser primeiro na fila de manhã nos tanques pra lavar a roupa. Anna Toncic.

Aquilo que fica gravado de forma mais precisa nas memórias dos que passaram pela Ilha como imigrantes, é a data de chegada, a vista da Baía de Guanabara e as primeiras horas na ilha, as formalidades protocolares do registro, as medidas sanitárias e o encaminhamento aos alojamentos.

A surpresa porque o nosso navio chegou ao entardecer. O contorno da Baía é alguma coisa que quem viu pela primeira vez nunca mais esquece e as luzes estavam se acendendo. E todos indicavam lá o Cristo. Uma luz lá no morro. Todos indicavam para lá. Então era uma coisa assim. Uma surpresa agradável, uma coisa acolhedora, uma coisa bonita, uma coisa bonita mesmo. No dia seguinte, então, vinham os barcos e levavam as famílias para a Ilha das Flores, quer dizer: Ilha das Flores foi o primeiro local que nós colocamos os pés em terras brasileiras. Graziela Andreani

O aspecto de projeção da memória, uma memória herdada, aparece nas falas de ex-funcionários, alguns nascidos na Ilha. Zuleika Brasil torna fato constante em seu depoimento a articulação de sua memória individual e a memória política da Ilha é relutante e precária, pois se faz pela estratégia da omissão dos outros usos dos espaços que são híbridos ao longo de sua cronologia: de lugar de acolhimento a presídio.

A memória herdada, para Pollak, 1984, produz e encontra-se ligada ao sentimento de identidade. Identidade é, antes de mais nada, pertencimento. Imigrantes e funcionários pertencem à hospedaria de imigrantes em escalas diferentes, uns apenas de passagem, para registro e adaptação, outros têm ligação de duração mais longa. Os funcionários sentem uma necessidade maior em reafirmar uma identidade ligada ao local. As imagens da Ilha são suas imagens e se apresentam nos depoimentos constituindo e sendo constituídos por elas.

A memória pública é celebrada pelos funcionários e filhos de funcionários. São lugares de comemoração e reafirmação do desempenho social.

Vamos dizer assim da vivência deles lá na Ilha das Flores: tinha tudo organizado. Tinha o refeitório, tinha os alojamentos, que vocês vão ver aqui as fotografias, esse alojamento era dividido. Família, rapaz solteiro, moças que vinham sozinhas, família com criança, nos alojamentos tinham tudo direitinho. Tinha o... a lavanderia que eles passavam lá já recebiam...
Zuleika Brasil⁵

A Ilha como monumento: não que tenha sido criada para isso, porque sua fundação se dá a partir de considerações técnicas e práticas, para oferecer abrigo aos recém chegados. O que a monumentaliza são as memórias individuais produzidas neste local, paraíso perdido, ou inferno terrenos.

Entrevistadora:

- Eles saíam da ilha, os imigrantes saíam...?

- Tinha... eles tinham permissão pra quando eles queriam ir ao Rio ou a Niterói. Tinha, meu pai é que fazia, dava a permissão. Eles vinham, tinham... eles não eram prisioneiros, eles tinham a vida deles normal, vinham cá fora e faziam cambiar dólar e tudo. Eles... aprendiam logo tudo, andavam com máquina fotográfica. Eles eram na verdade quase que uns turistas de hoje, só que lá na ilha eles ficavam justamente pra se documentar, se orientar. Zuleika Brasil

Zuleika Brasil é a terceira geração de servidores da Ilha, nasceu nas dependências da ilha e cresceu em contato direto com os imigrantes e funcionários. Tem na Ilha seu paraíso perdido, local idílico, sem ranhuras e imune a conflitos. Há em sua fala uma conduta de reafirmação do bom trabalho prestado por seu grupo, entrelaçado a memórias e idéias infantis sobre os acontecimentos que se desenrolavam na Ilha. Para ela não é necessário expor na sua fala aspectos que são alheios à sua experiência de vida encantada na ilha. “O problema surge, porém, quando essa memória infantil é repetida sem mudanças pelo narrador adulto, e contribuindo para a formação de uma memória contemporânea” (Portelli, 2001).

As entrevistas passam a constituir um momento de reconstrução da identidade destes imigrantes. Muitos não se acham narradores gabaritados, devido à simplicidade de vida que levam. Donas de casa, pequenos comerciantes e aposentados desconfiam da tarefa de contar suas histórias fora das conversas familiares. Narrar os fatos de vida a

partir da experiência da imigração é motivado pelo fato de ter um interlocutor disposto a ouvir.

Outro grupo de imigrantes e antigos funcionários da Ilha sempre esperou pelo momento de encontrar alguém para ouvir e preservar suas experiências de imigração. Acham importante guardar esta memória e se sentem gabaritados a contá-la. Preocupam-se com o esquecimento. Alegam existir uma falta de memória da sociedade sobre a imigração, e temem o esquecimento de suas próprias trajetórias. Chegam à entrevista com um esboço, mental ou escrito, de pontos que elegem como importantes ao depoimento e em alguns casos munidos de fotografias, livros e textos que julgam necessários à comprovação de suas falas.

Graziela Andreani assume a preocupação com a hospedaria, ao contar suas memórias sobre a imigração, pois vivencia uma crise: a percepção do esquecimento de suas e de outras trajetórias da imigração.

Passada a novidade, os dois grupos balizam suas existências pelo exercício da memória. Lançando mão da linguagem ao contar suas vidas, os caminhos percorridos pela fala tentam estabelecer coerência e escolha de momentos-chaves: o que vale a pena ser narrado e o silêncio sobre momentos inexprimíveis e negativos. A reconstituição de si não chega definida.

O fio condutor de muitos entrevistados é o seu lugar em tal experiência. A reconstituição não é isenta de tensão, contradições e omissões. Zuleika Brasil toma a Ilha como paraíso terreal de sua infância e mocidade, reserva-se ao silêncio quando o espaço de brincadeiras, banhos de mar e liberdade é transformado em um campo de opressão e privação de liberdade, e quando as perguntas se voltam para as memórias familiares sobre a experiência prisional dos seus espaços: “isto é uma outra história, eu nem gosto de tocar neste assunto”. Responde à pergunta bloqueando a questão, é o campo do que não vale a pena lembrar. É um acontecimento que não pode superar suas experiências benfazejas na Ilha. O que eles fazem é pura e simples gestão da memória. “Minha experiência na Ilha é esta, não há nada além disso, outras não valem a pena comunicar.” Zuleika Brasil.

É importante, diante da seleção executada no exercício da fala, notar a Ilha como espaço constituído de fixos e fluxos (Santos, 1996). Interessa-nos pensar nos fluxos, que, para Santos, atravessam as condições ambientais e redefinem o lugar pelas condições sociais. O espaço da Ilha é redefinido ao longo do tempo: local para

internados nas duas grandes guerras mundiais, depósito de prisioneiros durante a revolução constitucionalista de 1932, exercendo ainda esta função durante a revolução comunista de 1935 e tendo sua última experiência neste sentido no período do golpe civil-militar que se inicia em 1964 e vai até a década de 1980.

O indivíduo também atua no apaziguamento dos conflitos. Situações externas cruzam sua existência e aguardam o tempo até que sejam redefinidas como válidas de serem externadas pela linguagem e fazer parte das suas memórias.

O momento prisional que vale pena ser lembrado pelo grupo de funcionários é a presença de prisioneiros paulistas em 1932 na Ilha. Na estrutura dos acontecimentos paralelos, o presídio de 1932 não macula o lugar de lembranças infantis e familiares. Pergunto-me se o apaziguamento de tal acontecimento reflete na fala do entrevistado um grande esforço ideológico de superação do fato, executando um trabalho de superação da carga negativa, banalização de acontecimentos dramáticos e incorporação de um teatro ideológico.

Se os prisioneiros políticos de 1932 oferecem à Ilha uma canção em que a primeira estrofe diz: “Ilha das Flores, dos meus amores eras tão linda outrora então...Hoje tão triste somente existe a nota surda desta canção!!!!”(letra e música de autoria do professor José Augusto da Silva Miranda). Tal música fazia parte das celebrações familiares dos funcionários da Hospedaria. Os outros prisioneiros, por sua vez, ainda não foram pacificados na memória do país e muito menos na memória individual do grupo de funcionários da Hospedaria.

Pensar experiências imigratórias tão distintas oferece ao pesquisador um desafio claro de interpretação e seleção, e muitos estudos percorrem os espaços de trabalho e a imigração, família imigrante, colonização e imigração, entre outros tantos temas possíveis. As escolhas feitas, no entanto, levaram-me a um lugar temporário nas trajetórias de vida no Brasil. Nem por isso tal espaço deixa de ter uma dimensão simbólica tão forte e pertinente às suas memórias sobre o Brasil. Este local latente, a que todos os entrevistados confidenciam querer voltar a visitar, oferece uma reflexão acerca da memória e a dimensão espacial permeada por ela.

Acontecimentos variados desenrolaram-se nos espaços da antiga Hospedaria do Rio de Janeiro. São fatos coletivos e individuais que vencem a função de local de trânsito e se tornam permanentes em suas lembranças, tornando-lhes possível voltar

quando motivados, ou quando a necessidade de contar suas histórias serve para reafirmar suas trajetórias, suas perdas e seus ganhos.

Bibliografia:

GELLNER, E. *Nations and Nationalism*: Blackwell, 1938.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JÉLIC Jordan. *Sobre la Identidade (reflexiones y tesis)*. In: *Memória e identidade*. Maria Teresa Toríbio Brittes Lemos e Nilson Alves Moraes (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.63-68.

PORTELLI, Alessandro. *O massacre de Civittella Val de Chiana (Toscana, 29 de junho de 1940: mito e política, luto e senso comum)*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da História oral*. 1ª. Edição 1996. Trad.: Luiz Alberto Monjardim et aiii. Rio de Janeiro, Fgv, 2001, p.103-130.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, n.10, 1992, pp.200-212.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro: FGV, n. 3, 1989, pp.3-15.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Lucitec, 1996.

¹ José Inácio Silveira da Mota nasceu em Goiás, em 1811. Foi Deputado Provincial, Deputado Geral e Senador. Seus discursos e projetos apresentados no Parlamento configuram-se como importante fonte de pesquisa para pensar os projetos imigratórios que então se defendiam para a Ilha das Flores.

² Anna Toncic é imigrante iugoslava, hoje sua região natal pertence à Eslovênia. Fugiu junto com o marido Ivan Toncic para o Brasil e chegou ao porto do Rio de Janeiro no vapor Castelbianco no dia 15 de fevereiro de 1952. Na Iugoslávia, era responsável pela contabilidade de uma pequena cooperativa agrícola, durante o regime comunista de Tito. Fugiu de sua região devido à descrença no regime e à falta de liberdade.

Entrevistas concedidas em sua casa, em Tribobó – São Gonçalo/RJ, em 10/02/2009 e nas dependências da antiga hospedaria de imigrantes no dia 18/07/2009. Entrevistas feitas por Henrique Mendonça da Silva, Juliana Elianay e Suzana Ribeiro.

³ Graziela Andreani, chegou ao Brasil ainda criança no ano de 1951, vinda da região da Istria, com doze anos de idade. Viveu toda sua vida em regiões próximas à Hospedaria – São Gonçalo e Niterói. Sua

família mantinha relações sociais com outras famílias de imigrantes de fala italiana. Conhece Guerrino Andreani, outro imigrante que chegou ao Brasil no mesmo período, com que se casa.

Entrevista concedida a Henrique Mendonça da Silva e Suzana Ribeiro no dia 16/07/2009 em sua casa, em Piratininga, Niterói.

⁴ Guerrino Andreani imigrou da Iugoslávia e chegou ao porto do Rio de Janeiro no dia 15 de fevereiro de 1952 no vapor Castelbianco. Veio ainda criança na companhia de seus pais, Ludivico Andreani e Maria Andreani, pai mecânico e a mãe dona de casa. Entrevista concedida a Henrique Mendonça da Silva e Suzana Ribeiro no dia 16/07/2009 em sua casa em Piratininga, Niterói.

⁵ Zuleika Brasil é da segunda geração da família de funcionários da Hospedaria de imigrantes. Nasceu na Ilha, sendo empregada ainda jovem nos órgãos de governo responsáveis pela administração da Ilha. Torna-se auxiliar de escritório, cargo em que permaneceu até 1955. Entrevista feita por Rui Aniceto Fernandes, Henrique Mendonça da Silva e Juliana Elianay no dia 13/03/2009 em sua casa, em São Gonçalo/RJ.